



## O BALÉ FOLCLÓRICO UNIVERSITÁRIO DA UNIVERSIDADE GAMA FILHO: MEMÓRIAS E HISTÓRIAS

Ingrid Ferreira Fonseca  
Ariela Farias de Mesquita

### RESUMO

*O Balé Folclórico Universitário da Universidade Gama Filho permaneceu em atividade entre os anos de 1977 e de 2006 e teve seu trabalho voltado para a divulgação das danças folclóricas brasileiras e, em alguns momentos, as estrangeiras. Nesse contexto, a proposta deste estudo é desvelar a trajetória histórica desse Balé Folclórico, investigando os fatores que alavancaram o seu surgimento e possibilitaram a sua permanência, além de fatos importantes para o desenvolvimento do mesmo. Como metodologia fora utilizado os relatos orais (história oral) dos atores sociais (ex-coordenadores e ex-dançarinos) que participaram ativamente da gênese e do desenvolvimento do grupo. Resgatando a história do Balé Folclórico Universitário da Universidade Gama Filho é possível nos debruçarmos sobre uma parte da própria história do desenvolvimento do folclore no Brasil, com seus progressos e retrocessos, contribuindo assim, como a não perda da memória social dos estudos e das manifestações folclóricas brasileiras.*

**Palavras-chave:** Balé, Folclore, Universidade.

### ABSTRACT

*The College Folk Ballet of Gama Filho University remained active from 1977 to 2006, and its activities were devoted to spreading Brazilian folk dances as well as foreign ones at times. In view of this context, the present study proposes to unveil the historical path of this Folk Ballet by investigating the factors that startled its upsurge and enabled its permanence, let alone the important facts that were important for its development. The methodology counted on oral accounts (oral history) of ex-coordinators and ex-dancers (social interactants), for they actively took part in the creation and development of the group. By revisiting the history of the College Folk Ballet of Gama Filho University it is possible for us to take a closer look into a part of the actual history of the Brazilian folklore development, its progresses and shortcomings, thus contributing to avoiding the loss of the social memorabilia in the studies and manifestations of the Brazilian folklore.*

**Key-words:** Ballet, folklore, University.

### RESUMEN



*El Ballet Folklórico de la Universidad Gama Filho, se mantuvo activo entre los años 1977 y 2006 y tuvo su trabajo centrado en la difusión de las danzas folclóricas de Brasil y, en algunos casos, extranjeros. En este contexto, el propósito de este estudio es poner de relieve la trayectoria histórica del Ballet Folklórico, investigando los factores que impulsaron su aparición y le permitió permanecer, así como datos importantes para su desarrollo. La metodología utilizada fue de los informes orales (historia oral) de los actores sociales (ex coordinadores y ex bailarines) que participaron activamente en la génesis y desarrollo del grupo. Rescatando la historia del Ballet Folklórico de la Universidad Gama Filho, es posible mirar en una parte de la historia del desarrollo del folclore de Brasil, con sus avances y retrocesos, contribuyendo por lo tanto, con la permanencia de la memoria social y los estudios folklóricos Brasil.*

**Palabras-clave:** Ballet, folclore, Universidad.

## 1) Introdução

No âmbito da formação universitária, desde os anos de 1940, que a área da educação física vem se relacionando com os conteúdos pertinentes à temática do folclore. Primeiramente, através da disciplina dança e depois, por uma disciplina específica voltada para os seus estudos (SILVA, 2005). Como a educação física se constitui como uma área sistematizada de investimentos sobre o corpo, tais conhecimentos versavam, principalmente, sobre as reflexões e as práticas das danças folclóricas.

Na Universidade Gama Filho (UGF), a disciplina Folclore era curricular e obrigatória no curso de educação física. Com a expansão dos seus trabalhos e a sua consolidação no próprio curso, a disciplina, por incentivo da reitoria, cria um balé folclórico universitário cuja ideia era, além de divulgar as próprias danças, representar a Universidade em diversos eventos no estado do Rio de Janeiro, em outras regiões do Brasil e através de intercâmbios internacionais.

O grupo permaneceu em atividade entre os anos de 1977 e 2006 (29 anos) no cenário acadêmico-cultural, principalmente no estado do Rio de Janeiro. Seu trabalho esteve voltado para a divulgação das danças folclóricas brasileiras, atravessando conjunturas políticas e culturais diferenciadas, porém sem perder de vista a preservação da memória cultural brasileira. Suas atividades foram encerradas no ano de 2006, pela própria Universidade.

A primeira professora da disciplina Folclore no curso de Graduação em Educação Física foi Margarida Maria Ferreira da Cunha e nos anos de 1977 foi convidada a criar o balé folclórico universitário. Estreou seu espetáculo de danças em dezembro do mesmo ano, no programa natalício da Universidade, com a colaboração da professora Cely Nascimento.

Nos anos de 1979, o balé folclórico universitário começa também a desenvolver projetos vinculados a categoria juvenil, tendo como professores responsáveis: Dil Costa e Marcus da Cruz Machado. Em 1984, além dos professores Marcus Machado, Cely e Margarida, engajaram-se também os professores Adriana Salomão e Paulo Lavrador com o intuito de coreografarem as danças na categoria infantil. Entre os anos 2000 e 2006 os professores envolvidos foram Marcus Machado e Margarida Ferreira.

Ao longo dos 29 anos de trabalho, o grupo de balé recebeu diversos alunos e alunas de diferentes cursos de graduação da Universidade (que possuíam bolsa auxílio), e também a



participação de ex-alunos. Apresentavam-se em festivais de dança, eventos escolares, feiras da providência etc.

Através de conversas informais com os professores e os ex-dançarinos que fizeram parte do balé folclórico, identificamos a não documentação sistematizada da trajetória de vida do grupo. Além disto, em consulta a rede mundial de computadores (internet) não foi encontrada informações suficientes que revelassem a memória social do grupo.

Nesse contexto, a proposta deste estudo é desvelar a trajetória histórica do balé folclórico universitário da Universidade Gama Filho, investigando os fatores que alavancaram o seu surgimento e possibilitaram a sua permanência, utilizando-se da história oral proveniente das falas dos seus atores sociais (ex-coordenadores e ex-dançarinos).

Como metodologia de pesquisa e fonte documental utilizou-se a história oral temática “[...] tradição e reminiscência, passado e presente, com seu detalhe, sua humanidade, frequentemente sua emoção [...]” (PRINS, 1992, p.198). Consiste em captar das pessoas que são testemunhas de acontecimentos, conjunturas, instituições, modos de vida ou outros aspectos da história contemporânea informações acerca dos mesmos. A utilização dos relatos orais pressupõe uma decisão por uma abordagem essencialmente qualitativa da realidade, através da formulação de questões específicas que devem ser aclaradas, sob a ótica de pessoas que viveram e/ou testemunharam as diferentes facetas do contexto histórico estudado.

## **2) Os estudos de história oral - o caso da história oral temática**

A história oral é uma proposta teórico-metodológica que possibilita a reflexão acerca dos fatos ocorridos na voz daqueles que foram protagonistas das situações vividas. É uma história do tempo presente, também conhecida por história viva (MEIHY, 1996). Baseia-se na percepção do passado como algo que tem continuidade no presente e cujo processo não está finalizado.

De acordo com Fabiano Pries Devide (1998):

A fonte oral, por ser rica em detalhes, facilita o entendimento dos fatos subjetivos que são encobertos pela filtragem racionalista da escrita de documentos oficiais, dá oportunidade de abordar diferentes enfoques do mesmo tema, dando voz aos silenciados, ou aos que tenham opiniões próprias, não-oficiais, sobre acontecimentos relacionados ao objeto de estudo, e preenchem vazios e lacunas das fontes documentais, completando-as com a riqueza da evidência oral (p.67).

Há três modalidades de história oral: a) história oral de vida; b) história oral temática e c) tradição oral. O nosso estudou se baseia na história oral temática por se comprometer com o esclarecimento ou opinião do colaborador em relação a algum fato definido. Ela busca a “verdade” de quem testemunhou determinado fato ou dele tenha alguma impressão relevante (THOMPSON, 1992). “Considero que a questão norteadora do historiador não deve ser descobrir a “verdade”, construída no cotidiano, mas organizar os pontos de vista e as fontes históricas, dando-lhes a sua interpretação” (DEVIDE, 2005, p.79).

Para a obtenção dos dados, optamos por utilizar uma entrevista semiestruturada. Elaboramos um roteiro para as entrevistas, buscando nas mesmas as informações que clarificam a gênese e desenvolvimento do balé folclórico universitário. Com este tipo de entrevista, o entrevistador tem maior liberdade de explorar e aprofundar o assunto desejado. Por conseguinte, consegue orientar a entrevista,



como se fosse uma conversação, de forma espontânea, dentro do assunto pré-determinado, elucidando os tópicos de interesse do roteiro.

Portanto, de acordo com Meihy (1996):

História oral é um conjunto de procedimentos que se iniciam com a elaboração de um projeto e continua com a definição de um grupo de pessoas (ou colônia) a serem entrevistadas, com planejamento da condução das gravações, com a transcrição, com a conferência do depoimento, com a autorização para o uso (...) (p.15).

A coleta de dados foi realizada através de um roteiro guiado, concentrando-se em perguntas que possibilitassem o esclarecimento de fatos importantes que subsidiaram a trajetória de vida do balé folclórico. Entretanto, durante as entrevistas, se fosse necessário, o entrevistador poderia realizar outras perguntas que ajudassem no esclarecimento do tema proposto.

A primeira parte discorre sobre a vida pessoal do entrevistado e seu início profissional. A segunda parte sua relação com o tema folclore e sua participação no balé folclórico. A terceira parte sua percepção sobre situações que o balé folclórico viveu, desde a sua criação até o encerramento de suas atividades. Foram destaques nas entrevistas, os elementos relacionais: pessoal, profissional e acadêmico que contribuíram para a construção da história do balé folclórico universitário da Universidade Gama Filho.

As entrevistas foram gravadas por meio digitais, transcritas na íntegra, enviadas aos depoentes e revisadas, se necessárias. As entrevistas foram autorizadas através do Termo Livre e Esclarecidas de Consentimento, como indicam as Normas e Diretrizes Regulamentadoras da Pesquisa Envolvendo Seres Humanos – Res. CNS 196/96, II.4.

A população do estudo foi constituída por quatro pessoas ligadas ao cotidiano do grupo folclórico durante os seus 29 anos de existência. Com relação aos ex-coordenadores, foram três depoentes: Margarida Cunha, Cely Nascimento e Marcus Machado. Além deles um ex-componente e posteriormente professor do grupo infantil, juvenil e adulto e, de acordo com os coordenadores, de grande importância no desenvolvimento do balé folclórico: o professor Paulo Lavrador. A amostra selecionada foi intencional, ou seja, os entrevistados foram escolhidos a partir da sua história de vida profissional relacionado ao trabalho desenvolvido junto ao balé folclórico universitário.

Primeiramente, Margarida Maria Ferreira da Cunha, professora de educação física. Primeira professora da disciplina Folclore no curso de graduação em Educação Física da Universidade Gama Filho e fundadora do balé folclórico da Universidade. Desde a época da faculdade, aproximadamente em idos de 1945, já possuía interesse pelas atividades rítmicas. Em 1953 fez concurso para a secretaria de educação do estado do Rio de Janeiro e começou a ministrar aulas no Parque de Recreação Darcy Vargas, utilizando-se dos jogos, ginástica, atividades rítmicas e danças folclóricas. A partir daí começou a sua trajetória acadêmico-profissional envolvida com as atividades folclóricas. Ministrou aulas de folclore na Escola Normal Azevedo do Amaral, participou de festivais do município do Rio de Janeiro, apresentando danças relacionadas ao Folclore brasileiro e internacional e trabalhou em diversas escolas particulares do município do Rio de Janeiro ministrando aulas de folclore. Em torno de 1970 foi convidada, pelo governo federal, para representar o estado do Rio de Janeiro com danças folclóricas nos Jogos Estudantis Brasileiros (JEBS). Segundo seu depoimento, esta foi a sua grande escola. Nesse encontro, se apresentavam as danças dos diversos estados brasileiros, promovendo um intercâmbio de ideias e de práticas pedagógicas.



Cely Nascimento Telles da Conceição, professora de educação física e coordenadora do balé folclórico da Universidade Gama Filho entre os anos de 1977-1998. Desde a infância envolvida com o Folclore, pois seu pai, no estado do Espírito Santo, já possuía um grupo de dança folclórica. Trabalhou no Colégio Estadual Gomes Freire e nessa instituição criou o grupo de dança folclórica “Joteco”. Participou diversas vezes dos JEBS, na mesma época que a prof<sup>a</sup> Margarida, possibilitando assim o encontro entre as duas. Sendo assim, em 1977 a professora Margarida convida a professora Cely para auxiliá-la no ensino do folclore do curso de graduação em educação física da Universidade Gama Filho.

Marcus Machado, professor de educação física, primeiramente integrante do Balé em 1977 enquanto aluno da graduação em educação física. Em 1979, já professor de educação física, torna-se coordenador do folclore infantil e em 1998, com a aposentadoria da professora Cely, passa a dirigir juntamente com a professora Margarida o Folclore Universitário. Com o fim do balé folclórico em 2006, torna-se exclusivamente professor da disciplina folclore da Universidade Gama Filho.

Paulo César Lavrador Junior, professor de educação física, integrante do grupo universitário entre os anos de 1982 e 1998. Dirigiu também os grupos infantil, juvenil e universitário, onde era professor e também dançava.

Uma vez coletados, organizados e sistematizados os conteúdos das entrevistas, passamos para a fase de interpretação, respeitando as categorias do roteiro de entrevista já descritas acima.

Há de se fazer uma consideração no cuidado com os dados coletados, pois como são provenientes da memória pessoal sobre determinados fatos, os entrevistados tiveram algumas dificuldades nas lembranças de fatos, pessoas e datas de determinadas situações (confiabilidade da memória) Uma maneira de minimizar tal impacto é não considerar individualmente cada entrevista, porém associá-las conjuntamente, confrontando-as.

### **3) Os estudos do Folclore no Brasil e a criação dos balés folclóricos**

As manifestações do ensino do folclore<sup>1</sup> em escolas e parques infantis brasileiros começaram em meados do século XX (NETO, 1961). Concomitantemente as práticas educacionais, desenvolvia-se na sociedade brasileira um movimento chamado: “Movimento Folclórico Brasileiro (1947-1964)”, liderado por Edison Carneiro e Mário de Andrade<sup>2</sup> que contribuiu enormemente para a valorização das temáticas folclóricas, influenciando, de certa maneira, as práticas folclóricas no âmbito escolar.

Nesse contexto, nos anos de 1930 surge o ensino do folclore nos cursos de graduação em educação física. No Rio de Janeiro, os estudos a respeito desta temática remontam aos anos de 1942, na Escola Nacional de Educação Física e Desporto, atual Universidade Federal do Rio de Janeiro, na disciplina de Dança (SILVA, 2005). Com o decorrer do tempo, as relações entre educação física e as manifestações

<sup>1</sup> Nos anos de 1951 foi instituída a primeira carta do Folclore Brasileiro, contendo alguns princípios e diretrizes de que o Folclore seria o estudo global da vida popular: Décadas seguintes, as idéias dessa carta se ampliaram e, em 1995, no VIII Congresso Brasileiro de Folclore, os folcloristas brasileiros realizaram uma releitura da Carta e adotaram o conceito de que Folclore é o conjunto das criações culturais de uma comunidade, baseado nas suas tradições expressões individuais ou coletivas representativas de sua identidade social. Constituem-se fatores de identificação das manifestações folclóricas: aceitação coletiva, tradição, dinâmica e funcionalidade (SILVA, 2005).

<sup>2</sup> Marcos importantes nesse período foram: a criação da Comissão Nacional de Folclore (CNFL), a Criação do Departamento de Cultura do Município de São Paulo coordenada por Mário de Andrade e a busca pela institucionalização do folclore junto ao Governo Getulio Vargas (VILHENA, 1997).



folclóricas foram se solidificando, até que a Escola de Educação Física do Estado de São Paulo cria a cadeira de Danças Folclóricas, plenamente autônoma no ano de 1948 (NETO, 1961).

Ao longo do tempo, o folclore passou a se constituir como disciplina, com identidade, objetivos e conteúdos próprios, de tal forma que atualmente, em nosso país, quase todos os cursos de formação, principalmente os de licenciatura em educação física, tem a disciplina folclore em seus currículos. Quando não, encontramos o folclore como conteúdo nas disciplinas de recreação e/ou dança, por exemplo.

Inferimos que a organização dos balés folclóricos nas universidades brasileiras esteja em consonância com a inserção dos estudos folclóricos, principalmente nas faculdades de educação física<sup>3</sup>. Destarte, temos como exemplos: a Companhia Folclórica do Rio de Janeiro ligada a Universidade Federal do Rio de Janeiro<sup>4</sup> e o Balé Folclórico da Universidade Gama Filho.

Segundo Frade (1997) as danças folclóricas são expressões populares, realizadas tanto individual quanto coletivamente cujo traço definidor é a coreografia.

Na sua transformação, aos originais movimentos repetitivos, imitativos, mímicos, marcados pelo ritmo, juntaram-se outros, mais livres e requintados, seguindo sugestão de linha melódica que também foi se complexificando (p.36).

As suas formas de sistematização dependem de diversos fatores, tais como: o sexo dos participantes, na maioria das danças há a presença de ambos os sexos; o período de celebração, que varia de acordo com o calendário litúrgico, festas religiosas laicas ou comemorações familiares; os espaços a serem realizadas, existem as danças de interiores, de sala, convencionalmente chamadas de danças de salão e aquelas realizadas nos terreiros, na parte externa da casa.

A dança folclórica pode ser vista como um baile cerimonial ou recreativo, com passos simples e repetitivos executados por membros de uma comunidade com laços culturais em comum, resultantes de um período de convívio (transmitidos de geração a geração). Por participarem integralmente da vida comunitária, as danças folclóricas estão geralmente associadas a ocasiões específicas e a determinados grupos de pessoas. Há danças para as mais diversas atividades e ocasiões: colheita, plantio, pastoreio, pesca, tecelagem, matrimônio, nascimento, guerra, funeral. Podem ser de caráter religioso ou profano, embora quase todas as danças ritualísticas possuam um elemento social. Aquelas que antigamente eram realizadas por motivos cerimoniais, hoje são dançadas com fins recreativos, de caráter profano (CORTES et al, 2004).

#### **4) O Balé folclórico Universitário da UGF- suas memórias e histórias**

O balé folclórico da Universidade Gama Filho inicia-se com o Folclore Universitário, em 1977, e posteriormente, são criados os grupos folclóricos juvenil (1979) e infantil (1984).

<sup>3</sup> O crescimento dos estudos sobre Folclore na sociedade brasileira, a partir fundamentalmente dos anos de 1870, (CARVALHO, 1992) nos indica que ao longo do tempo suas pesquisas foram cada vez mais sendo absorvidas pelas Universidades Brasileiras e o curso de educação física torna-se um campo representativo deste avanço acadêmico-profissional.

<sup>4</sup> O grupo de danças folclóricas da UFRJ hoje Companhia Folclórica do Rio - UFRJ foi fundado em 1971, pela professora Sônia Chemale da Escola de Educação Física e Desportos (EEFD) e durante muitos anos apresentou danças do Rio Grande do Sul em seminários, congressos, instituições de ensino, gravações para novelas de TV, entre outros.



Quando começa o grupo, ele começou dessa maneira: folclore universitário, regente Margarida e Celi e quando cria o folclore juvenil, quem dirigia o folclore juvenil era eu e a Dilnéia. Ela trabalhava com o folclore infantil e depois foram surgindo os outros professores, foram substituindo, uns foram saindo (Marcus).

Os balés folclóricos desenvolvidos no final da década de 1970 e início da década de 1980 através dos grupos juvenil e infantil tinham como objetivo estimular as crianças e os adolescentes do Colégio Gama Filho (antigo colégio Piedade) a fim de que estas seguissem “carreira” dentro do folclore e continuassem também, a estudar na própria Universidade, graduando-se na mesma.

Então o grupo chegou a ter essas três divisões aqui dentro: folclore universitário, folclore juvenil e o folclore infantil. Então você tinha todo um trabalho desde a gurizada, depois vem o pessoal do Colégio Gama Filho, que na época era Colégio Piedade, até ele continuasse dentro da universidade e desembocasse no grupo de folclore universitário (Marcus).

Embora o trabalho com o folclore estivesse dividido em três grupos diferentes: universitário, juvenil e infantil, esses se misturavam continuamente através da atuação dos seus coordenadores. O coordenador do Folclore Infantil professor Marcus, por exemplo, ensaiava o Folclore Universitário. As coordenações se misturavam, fazendo com que o trabalho fosse integrado.

O fato de eu ser responsável pelo folclore juvenil, eu ensaiava com o folclore universitário, eu ensaiava, ajudava, então não havia muito essa divisão. Quem é do universitário, só dirige o universitário, não havia. Então a gente se misturava. Essa divisão era muito mais funcional e administrativa do que propriamente uma coisa de trabalho que acontecia. Porque eu dançava, eu era do folclore juvenil, mas eu dançava no universitário, a Dilneia também, então essa coisa se misturava. Ao mesmo tempo em que a gente era dançarino em um, no outro a gente comandava. E o relacionamento era esse, não era hierarquizado (Marcus).

Porém, essa integração é desfeita quando em 1998 a Universidade Gama Filho dispensa todo o corpo artístico, extinguindo os balés folclóricos juvenil e infantil, mantendo somente o balé folclore universitário sob coordenação do professor Marcus Machado.

A criação do balé folclórico Universitário da Universidade Gama Filho tem em sua origem a relação estreita com os trabalhos desenvolvidos pelas professoras Margarida Ferreira e Cely Nascimento. Em 1975, com abertura do curso de educação física da Universidade Gama Filho, a professora Margarida é convidada para ministrar a disciplina de folclore. As suas aulas não se baseavam somente nas danças folclóricas, mas abarcavam também a arte, artesanato, a medicina popular etc. Podemos inferir que a amplitude das suas ideias no campo do Folclore tinha relação com as ideias da Carta do Folclore Brasileiro (1951) que considerava quatro os principais elementos definidores do Folclore: antiguidade, persistência, oralidade e anonimato (FRADES, 1997).

Em 1977, a professora Margarida convida a professora Cely Nascimento para trabalhar com ela na Universidade. As professoras ministravam o Folclore I (Folclore Brasileiro) e Folclore II (Folclore Internacional – os conquistadores: Portugal, Espanha, Alemanha etc.).



No fim do ano de 1976, mais exatamente para a festa de final de ano da Universidade Gama Filho, o vice-reitor solicitou a professora Margarida a organização de uma dança folclórica para que pudesse ser apresentada em tal ocasião.

O Ministro ainda era vivo. Primeiro ano da faculdade. Primeiro ano que eu estava dando folclore. Na festa do fim do ano. O diretor lá me chamou e disse: Professora: gostaria que a senhora apresentasse um trabalho folclórico na festa de encerramento que o Ministro vai gostar de ver dança e seria a primeira vez (Margarida).

A professora Margarida relata que o Ministro Gama Filho gostaria de ver tal prática, visto que já existia o Coral Universitário, de quem ele era um grande admirador. Elas ensaiaram um grupo de alunos e alunas do curso de educação física, se apresentaram e fizeram enorme sucesso.

Foi através do vice-reitor. Ele queria que nós fizessemos um grupo que ficasse junto com o coral e o coral viajava muito. Ele foi ver umas aulas da gente e achava que dentro daquele grupo podia sair um grupo da faculdade. Foi aí que começou, só com alunos da educação física (Cely).

A partir daí, a professora Margarida juntamente com a professora Cely e alguns alunos e alunas do curso de educação física iniciam sua caminhada, principalmente se apresentando nas Aulas Inaugurais da UGF. À medida que as apresentações iam acontecendo, os alunos e alunas de diferentes cursos tinham a oportunidade de ver o balé folclórico e começaram a se interessar em participar. Com o tempo, a procura começou a crescer, necessitando de prova prática para o seu ingresso.

Os alunos e as alunas inicialmente não possuíam bolsa auxílio, contudo, após mais ou menos uns dois anos de formação do grupo é que a Universidade começa a conceder as bolsas de estudo. A porcentagem fora crescendo até que alcançou o patamar de 100%.

Ao longo do tempo, o número de integrantes foi aumentando e as bolsas não acompanharam este crescimento. Houve um período em que a Universidade começou a cortar as bolsas, diminuindo o número de integrantes e passou a manter, praticamente, somente a do corpo artístico. Foram se extinguir as bolsas de 100%, deixando um patamar mínimo de 20%. Seguindo tal direção, com a redução do valor de desconto de bolsas para o aluno resultou em uma menor procura por parte dos mesmos, até que houve a extinção total de bolsas, culminando no término do balé folclórico. “Tinha bolsa de 100% para uma boa parte dos alunos, porque essa bolsa era proporcional a frequência, ao rendimento artístico, não se pagava nada pelo deslocamento das viagens, era custeado pela universidade. O material era todo fornecido pela universidade, todo”(Marcus).

Quando o balé iniciou suas atividades, não possuía um setor de vinculação dentro da universidade, porém, à medida que o grupo começa a se desenvolver, tornam-se necessárias determinadas estruturas para suas apresentações. Para tal, o balé é incluído dentro de um setor chamado: Núcleo de Atividades Artísticas e Cultura (NAAC) cuja função era manutenção e desenvolvimento do trabalho cultural da universidade, vinculado a vice-reitoria comunitária.

A partir de então, o balé folclórico universitário torna-se membro do corpo artístico da Universidade Gama Filho, juntamente com o coral, o grupo de teatro e os músicos.



Os ensaios, inicialmente, eram realizados duas vezes por semana e, posteriormente, passaram a ser de três vezes. Ensaivavam tanto na unidade do bairro Piedade, cidade do Rio de Janeiro, quanto na unidade no bairro do Jacarepaguá. Em Piedade começaram ensaiando em um auditório (que não existe mais) em cima do Colégio Gama Filho. Depois, os ensaios passaram a ser realizados na quadra esportiva e finalmente foram deslocados para o quinto andar do parque esportivo cuja ideia era concentrar as atividades vinculadas ao Instituto de Arte e Cultura (IAC).

O balé folclórico universitário funcionava como um laboratório de aprendizado das danças folclóricas brasileiras e internacionais e posteriormente com a apresentação e divulgação das mesmas. Não era seu objetivo produzir pesquisa acadêmica com intuito, por exemplo: de publicações. Era um grupo de espetáculo. O que ocorria era que os alunos e as alunas eram incentivados, principalmente pela professora Margarida, para ver filmes, ler reportagens, buscar na literatura mais informações sobre determinado tipo de dança e/ou estilo. “Enquanto pesquisa acadêmica não. Então não havia esse aspecto formal de pesquisa, apenas a sugestão dada pelos professores seguida por poucos alunos. Dando voz ao que Margarida já falava pra gente: - Vocês têm que pesquisar!” (Paulo Lavrador).

O seu repertório de danças era baseado nas experiências vividas tanto pela professora Margarida quanto pela professora Cely nos Jogos estudantis brasileiros<sup>5</sup>, como dito anteriormente. Com o desenvolvimento do grupo, novas possibilidades de danças eram demandadas, entretanto as suas inclusões estavam condicionadas a possibilidade de se ter recursos financeiros para confeccionar roupas e indumentárias necessárias; se os dançarinos teriam condições técnicas de aprender tais movimentos e se as danças teriam uma expressividade em palco.

A escolha das danças era baseada no JEBS. As primeiras danças do grupo a gente sabia e ensinava as danças internacionais. Se fosse preciso chamávamos uma pessoa para ensinar para a gente, mas a gente já sabia muitas delas. Aí quando tinha internacional que a gente não soubesse, via uma apresentação da dança deles e gravava para ensinar para o grupo (Cely).

Todo o material necessário para que as danças pudessem acontecer era custeado pela Universidade. Havia uma costureira que consertava as roupas e os adereços necessários. Porém, parte da confecção de algumas roupas era realizada na casa da professora Margarida, juntamente com os seus alunos-dançarinos:

A roupa do caboclinho foi feita na minha casa com os alunos. Eles iam lá para casa e faziam porque o aluno tinha que trabalhar pra sentir o prazer de fazer a roupa. A roupa do boi, o boi foi feito na minha casa. O boi que eu digo, é o enfeite, o boi não. A roupa do caboclinho eu comprei as penas né, que é pena de pavão, né? Eu comprei no atacadista e lavei todas elas lá em casa. E os alunos iam lá pra casa (Margarida).

Os coordenadores em parceria, em diferentes momentos, escolhiam as danças que seriam apresentadas em determinado evento e os alunos e as alunas do balé se dirigiam ao setor que organizava e

<sup>5</sup> Nos jogos estudantis cada estado brasileiro levava para título de apresentação a sua dança características. Neste encontro, além das apresentações aconteciam aulas públicas para divulgação e troca de experiências entre os coordenadores e dançarinos.



guardava as roupas e as pegava para tais apresentações. Os alunos neste momento tornavam-se responsáveis pela roupa. Após a apresentação, as devolvia para limpeza e conserto, caso fosse preciso.

Finalizando, as apresentações mais marcantes, citadas pelos depoentes, têm ligação direta com a sua relação pessoal com o grupo, sua experiência com o folclore e com a oportunidade de conhecer lugares e pessoas. Ao longo da sua existência, apresentaram-se em vários congressos pelo Brasil, diversos hotéis, escolas, eventos e assim o grupo passa a ter uma projeção, até então não imaginada pelos professores. “Eu fui convidada para a feira da providência, comecei a fazer feira da providência, todo ano estávamos lá. Fiz muita coisa! Fiz jogos, fiz maracatu, fiz caboclinho” (Margarida). Até apresentação em aniversário de presidente da república houve: “Dançamos no aniversário do Figueiredo, o presidente da república, também em Brasília, a gente fazia muita coisa, assim, em termos de Brasil (Cely).

A primeira apresentação do balé folclórico na Universidade, em 1977, também é muito valorizada nas falas dos depoentes:

O maestro Isaac Karabchevsk estava tocando nesta festa que foi a última festa do Ministro, eu entrei com trinta e tantos, com os meus alunos da Educação Física, lá do folclore. Eles mandaram fazer a roupa da cabeça aos pés. Até meia pra todos os alunos. Eram 16 pares dançando Rio Grande do Sul. Foi uma coisa! Olha, foi uma coisa impressionante (Margarida).

Primeiro quando a gente estreou, eu vejo isso nítido na minha cabeça até hoje, a noite de 22 (ou 23) de dezembro, no Parque Desportivo, lotado, chovia muito. O primeiro impacto, você ver a Orquestra Sinfônica na quadra, aí você olha para o lado e vê o maestro Isaac Karabchevsk, aí você já fica assim: caramba. Aí sentado dentro da quadra sem a menor cerimônia, e também, com toda pompa e circunstância, estava o Ministro Gama Filho dentro da quadra de frente para o grupo (Marcus).

Há também a apresentação no Memorial da América Latina na cidade de São Paulo, em data não registrada na memória dos entrevistados

Esse lugar é fantástico, é mágico em São Paulo, festa na praça nós fizemos, em frente à praça, em frente à Igreja da Sé, um mar de gente e a gente dançando no palco, foi muito bacana (Marcus).

Outro fato marcante lembrado pelos quatro depoentes foi a primeira viagem internacional do balé folclórico universitário. Por ocasião de um intercâmbio entre Brasil e Portugal, em 1982, o corpo artístico da Universidade Gama Filho fora convidado para participar de tal momento. Foram levados 80 alunos e alunas do coral e 80 alunos e alunas do grupo folclórico.

Porque foi intercâmbio cultural, né? Foram duas (2) faculdades lá e aqui. Fizemos apresentações no museu de Évora e no Cassino Estoril. Fizemos a apresentação lá que levantou porque ninguém olha frevo, maracatu, caboclinho, tudo! Danças que eles nunca viram. Foi uma coisa impressionante! (Margarida).

Foi quando nós viajamos para Portugal. Foi uma coisa assim muito interessante, pois a grande maioria das pessoas nunca tinha saído do Brasil e você poder



representar o teu país lá fora e mostrar a nossa cultura lá fora, foi muito interessante (Marcus).

Depois fomos dançar no Cassino de Estoril. Aí, lá estava no letreiro: Universidade Gama Filho com grupo de folclore e o pessoal todo fotografando, né? Dançamos no Estoril! Lá foi muita gente, mas foi só um espetáculo. Estava marcado o espetáculo que ali todo dia tem. Foi uma apresentação muito bonita (Paulo Lavrador).

#### 4) Considerações finais

Resgatando a história do balé folclórico da Universidade Gama Filho é possível nos debruçarmos sobre uma parte da própria história do desenvolvimento do folclore no Brasil, com seus progressos e retrocessos, contribuindo assim, como a não perda da memória social (BOSI, 1992) dos estudos e das manifestações folclóricas brasileiras.

Hodiernamente, identifica-se uma baixa produção tanto acadêmica quanto cultural no que se refere à temática folclórica, principalmente no âmbito da educação física (um dos cursos universitários que mais divulgou as suas ideias). Então, este estudo, contribui com mais uma pesquisa baseando-se na temática folclórica, ressaltando ainda a importância dos seus estudos na formação do profissional ou do professor de educação física.

Esta pesquisa também corrobora com a ideia da valorização da palavra falada que, muitas vezes, ainda não possui o reconhecimento desejável pelos os historiadores por parte de uma sociedade dominada pela palavra escrita (PRINS, 1992).

De maneira mais abrangente, esse resgate histórico possibilita a divulgação e a permanência da nossa cultura e da nossa história.

Então, a importância que a gente tem é na questão da divulgação, pois um grande ganho nosso é que a gente tentava fazer da melhor maneira possível um painel do Brasil. Então, a gente procurava dançar várias danças do Brasil inteiro, pra você tentar dentro do espetáculo mostrar o que é a cultura brasileira, do que é o folclore brasileiro. Eu acho que essa é a grande importância que o grupo tem. Agora você tem um grupo que levava o folclore para pessoas que nunca viram isso ou nunca tiveram a oportunidade de ver essas apresentações, de ver essas manifestações, eu acho que isso é muito importante para você divulgar, isso é divulgação ( Marcus).

#### Referências

BOSI, A. *Plural, mas não caótico* in Bosi, A. *Cultura Brasileira: temas e situações*. São Paulo: Ática, 1992.

CARVALHO, R.L.S.de. *Folclore e cultura popular: uma discussão conceitual*. In: *Seminário Folclore e cultura popular: as várias faces de um debate*. Instituto nacional do Folclore/coordenadoria de estudos e pesquisas: Rio de Janeiro: IBAS, 1992.



CORTES, G.P; GERKAN, M.A.de S.; MAGALHÃES, A;F.; OLIVEIRA, M.C.de e SAPORET, G. *Projeto escola de dança e ritmo sarandeiros: interface de saberes*. Anais do 7º encontro de extensão da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2004.

DEVIDE, F.P. *Gênero e mulheres no esporte: história das mulheres nos jogos olímpicos modernos*. Ijuí: Ed.Unijuí, 2005.

\_\_\_\_\_. *História oral da Associação Brasileira de Masters de Natação (ABMN)*. In: (Org.): OLIVEIRA, V. M. *História oral aplicada à educação física brasileira Rio de Janeiro*: Ed. Central da Universidade Gama Filho, 1998.

FRADE, C. *Folclore*. São Paulo: Editora global, 1997.

MEIHY, J.C.S.B. *Manual de história oral*. São Paulo: Loyola, 1996.

NETO, P. C. *Folclore e educação*. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 1961.

PRINS, G. *História oral*. In: (org.) BURKE, P. *A escrita da história - novas perspectivas*. Rio Claro: UNESP, 1992.

THOMPSON, P. *A voz do passado: história oral*. São Paulo: Paz e terra, 1992.

SILVA, G. N. *O Folclore nas Graduações do Município do Rio de Janeiro*. (Trabalho de conclusão de curso). Rio de Janeiro: UGF, 2005.

VILHENA, R. L. *Projeto e Missão: o movimento folclórico brasileiro 1947-1964*. Rio de Janeiro: Funarte: Fundação Getulio Vargas, 1997.

Endereço para correspondência: Rua Cônego Galdino Malafaia n 101- Vila Iara – São Gonçalo - Cep: 24466-530. E-mail: [Ingrid.fonseca@terra.com.br](mailto:Ingrid.fonseca@terra.com.br) e [Ingrid.fonseca@ifrj.edu.br](mailto:Ingrid.fonseca@ifrj.edu.br)

Recursos para apresentação: multimídia, com caixa de som